

# **Uma análise antropológica sobre os resíduos: materialidade e agência no cenário urbano<sup>1</sup>**

*Elissa Paiva Alexandre Ferreira de Lucas  
(UFRJ/Brasil)*

## **Resumo**

Neste trabalho, me proponho a dialogar com as discussões teóricas da antropologia sobre resíduos, agência e materialidade com um recorte de minha pesquisa de mestrado. O objetivo geral da pesquisa é entender como os garis da Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), da cidade do Rio de Janeiro, desenvolvem resistência física e mental para se adaptarem ao trabalho envolvendo os resíduos urbanos. Aqui, o interesse de análise também será um outro agente que se faz presente de forma marcada pela paisagem urbana: o lixo. Neste estudo, priorizo e delimito algumas das referências que mencionam a multiplicidade de problemas advindos da produção e alocação dos resíduos. Nessa investigação, destaco algumas contribuições teóricas que abordam temas como significado, circulação, assimilação e transformação dos resíduos sólidos.

**Palavras chave:** Resíduos, Rio de Janeiro, Materialidade.

## **Introdução**

Os resíduos, são múltiplos enquanto forma e significado. São materiais residuais que escapam das fronteiras que são destinados, geralmente armazenados em caçambas, sacos, lixeiras, latões, caixas, aterros, etc., e se embrenham nos espaços em que circulamos, seja pelo manuseio de pessoas e máquinas ou por ações naturais (chuvas e ventos) que fazem com que este resíduo transite quilômetros para longe. Para o lixo, há diversos outros nomes que o caracteriza: rejeitos, resíduos, descartes, restos, etc.; aqui, utilizarei alguns de seus sinônimos. Neste sentido, é um material que também é capaz de transformar-se em objeto de mobilizações políticas, sustento financeiro (LIMA, 2021; MOTTA, 2023) e de consumo através de processos de reaproveitamento, se desvencilhando de seu significado de descarte.

Quando armazenados ou desprendidos dos locais de descarte, os resíduos sólidos e orgânicos assumem múltiplas formas por seu processo de decomposição, viram então pilhas úmidas ou ressequidas, amassadas ou poeirentas, gosmentas ou viscosas que se misturam ao chão, aos cantos, às águas e às construções, se tornando o lar e o consumo de muitos insetos, aves e mamíferos; animais sinantrópicos que junto aos resíduos,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

causam repulsão por transmitirem doenças aos humanos. Neste estudo, dedico meu foco aos resíduos urbanos<sup>2</sup>, aqueles produzidos na cidade.

Neste campo em que corpo e resíduo são destacados para pensar múltiplas conexões, julgo importante refletir sobre um dos principais aspectos que impulsiona o ofício dos garis (trabalhadores de limpeza urbana) da Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), entendendo o que é considerado lixo (ou resíduo) como um objeto que é capaz de produzir relações e reações por conta de sua capacidade de agência. Além disso, os resíduos são parte incontornável da nossa vida cotidiana. Nós significamos objetos enquanto lixo a partir de nossas primeiras ações no nascer de um dia, em nossas residências, evitando a dimensão dos sentidos sobretudo através do toque e do cheiro.

Neste trabalho, discorro sobre como um material é significado enquanto lixo, através do processo de separação e distanciamento do mesmo; o lixo como tabu e objeto transitório; a capacidade de agência dos resíduos; a transformação dos mesmos num ciclo de “vida” e “morte”, do estado de mercadoria e do estado de dejetos e o problema da circulação dos resíduos para além do espaço terrestre da cidade. Por fim, ao longo deste trabalho, utilizo o método do desenho etnográfico, compondo alguns dos primeiros rascunhos ilustrativos para a dissertação. O desenho etnográfico é uma maneira de trazer outros registros de campo além da escrita, uma ferramenta que, nas palavras de Karina Kuschnir, “(...) contribui positivamente para a pesquisa antropológica (...)” (KUSCHNIR, 2016, p. 28).

### **O lixo como tabu: o indesejável transeunte de mundos**

Há no mundo incontáveis coisas que são significadas enquanto descarte, em diversos contextos e geradas de diversas formas. O lixo, ou os resíduos, como Maria Raquel Passos Lima (2021) mobiliza em sua etnografia sobre o aterro de Jardim Gramacho e o trabalho de catadores(as), do ponto de vista simbólico, é associado à poluição e à ameaça, sobretudo a partir do receio de contaminação que tal objeto que adquire fetidez pode revelar. A autora destaca dois aspectos para pensar a construção de um objeto enquanto lixo: o afastamento e o ocultamento. Tal reflexão é importante para analisar o

---

<sup>2</sup> Resíduos urbanos são os dejetos advindos de espaços domésticos e comerciais da própria cidade, que dependem de serviços de coleta e variam quanto à composição. Podem ser roupas, latinhas metálicas, garrafas plásticas, frascos, restos de comida, vidro, papéis, etc. Recentemente, também tem-se discutido sobre o despejo irresponsável de lixo eletrônico advindo dos espaços domésticos.

que Maria Raquel também reforça por visibilidade e invisibilidade dos resíduos, sobretudo a partir de sua análise sobre a lixeira doméstica, geralmente ocultada ou com pouco acesso em algum cômodo do domicílio ou em seu exterior.

A invisibilidade atribuída aos resíduos parte do afastamento ou ocultamento que é reforçada no campo doméstico e constitui um dos primeiros pontos para pensar na construção do significado de um objeto enquanto lixo. Há, sob a denominação da autora, a produção de uma não-relação com os resíduos (LIMA, 2021, p. 34), onde a falta de manuseio está relacionada às dicotomias puro e impuro, salubre e insalubre, higiene e imundice, etc. Neste sentido, destaco um trecho da autora que aborda tal distanciamento do material residual, bem como o distanciamento dos espaços e das pessoas que o manuseiam:

A ligação com a ideia de sujeira e com um campo semântico profundamente negativo, no qual reside uma dimensão moral, é parte de um processo histórico de longa data. Sua análise permite entender as relações e processos que deram sentido ao forte estigma ainda hoje em vigor sobre o assunto “lixo”, incluindo aquelas coisas, pessoas, espaços e práticas costumeiramente associados ao universo da catação. Já a ideia daquilo que se “joga fora” não apenas compreende uma fronteira espacial, mas também designa um tipo de relação e ao mesmo tempo a configuração de um ponto de vista a respeito daquilo que deve estar à margem do olhar, fora do campo de visão, e com o qual não se deve ter contato físico. (LIMA, 2021, p. 35).

A partir destas considerações, em relação às representações daquilo que é significado enquanto lixo, é importante destacar o trabalho de Mary Douglas “Pureza e Perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu” (1991), e as oposições que descreve entre sagrado e profano, puro e impuro em relação a diferentes práticas rituais ou religiosas. Através de seu estudo sobre religiões ditas primitivas e as interpretações sobre o sacro e o profano, as purificações rituais presentes em certas religiões têm princípios diferentes das práticas reforçadas nas sociedades conhecidas como ocidentais. Nesta perspectiva, a pureza estaria relacionada sob preceitos morais, ligados ao ordenamento e à religião. Já a impureza, ligada ao medo e à desordem. Neste sentido, e em diálogo com o pensamento de Lima sobre a invisibilidade dos resíduos já no ambiente doméstico, o medo do contato do que é significado por lixo é reforçado pelo distanciamento do mesmo, sob seu estado de impureza proveniente da decomposição e do “fim” de sua utilização.

Neste sentido, o ato de limpar, desinfetar ou mesmo de isolar aquilo que é considerado impuro em nossa sociedade advém de representações simbólicas de práticas de purificação; com o intuito de afastar aquilo que é sujo ou contaminado do nosso

contato (DOUGLAS, 1991). Considerando este pensamento, destaco uma passagem da autora:

A higiene, ao contrário, mostra-se como um excelente caminho, desde que o sigamos com algum conhecimento de nós próprios. Tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. Se nos esquivamos dela, não é por causa de um medo covarde nem de um receio ou de um terror sagrado que sintamos. As idéias que temos da doença também não dão conta da variedade das nossas reações de purificação ou de evitamento da impureza. A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio. (DOUGLAS, 1991, p. 6-7).



Desenho 1: Lixo é aqui

Fonte: Elissa Paiva A. F. Lucas / Arquivo pessoal

Partindo desta análise, é interessante observar que os resíduos, sob o receio do contato aos sentidos, sobretudo pelo medo da infecção estabelecida sob critérios relacionados à impureza - tais como a decomposição da matéria orgânica, a fetidez advinda do acúmulo de microrganismos, além de sua desordem enquanto descarte - podem ser entendidos como objetos vistos enquanto tabu. Claude Lévi-Strauss na clássica obra “As Estruturas Elementares do Parentesco” (1982), descreveu a passagem do “estado de natureza” para o “estado de cultura” relacionando sua análise sobre o tabu do incesto concebido de maneiras díspares em todas as sociedades. A proibição do

incesto, na teoria de Lévi-Strauss, seria a característica fundamental para a compreensão da passagem do estado de natureza para o plano cultural; assim como a produção de lixo pela era do antropoceno.

Neste sentido, o lixo (ou os resíduos) também pode ser relacionado com a teoria sobre o tabu do incesto, sendo comum em diferentes gradações, a todas as sociedades. O lixo associado ao tabu pode ser exemplificado nesta concepção como algo que não deve ser tocado, restrito e manuseado de modo preparado por certos grupos (como garis, catadores(as), profissionais de limpeza, etc.), e propositalmente destinado a espaços distantes da circulação cidadina, como os aterros sanitários ou lixões. Contudo, Lévi-Strauss defende sua teoria pela divisão entre natureza e cultura, como elucidada em uma passagem:

(...) Estabeleçamos, pois, que tudo quanto é universal no homem depende da ordem da natureza e se caracteriza pela espontaneidade, e tudo quanto está ligado a uma norma pertence à cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular (...). (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 47).

A questão que envolve o lixo nesta análise parece adentrar tanto na esfera da natureza quanto na esfera referente à cultura, talvez não havendo muitas distinções ou separações destas duas esferas caras à antropologia. No plano da cultura, o lixo produzido pelo próprio ser humano é repelente ao seu manejo diário. Evita-se tocar o lixo pelo nojo ou medo da contaminação e da doença. No plano da natureza, o odor emanado da matéria em decomposição atinge também no campo dos sentidos, já que é através do olfato - assimilação biológica - que o odor é interpretado socialmente.

### **A vida material no campo dos resíduos urbanos**

Partindo agora para a análise sobre a “vida” dos resíduos, sob a perspectiva de Tim Ingold (2012), em especial a atenção do autor em denominar por “coisas” aquilo que faz parte da nossa interação com o mundo e a capacidade que as mesmas possuem de fluir através de fios, entre espaços e pessoas, é interessante pensar no que Ingold descreve por “malha”, como um emaranhado de linhas onde as coisas tomam rumo através do processo da vida. Esse pensamento inicial é relevante para relacionar os resíduos como parte de um fluxo que toca/é tocado por indivíduos e lugares, possuindo a capacidade de “vazar” para além dos espaços relegados:

Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados

por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas. (INGOLD, 2012, p. 29. Grifo do autor).

É instigante considerar que os resíduos também “vazam” pelo mundo. Em outras palavras, os resíduos transbordam do mundo compacto e transitam por rotas inesperadas e temporalidades longínquas. A Arqueologia do Lixo ou Lixologia (Garbology e Garbage Archaeology, do inglês), por exemplo, é uma área de estudos que se dedica a examinar os resíduos soterrados por sociedades do passado e do presente, e são capazes de revelar outras vivências quando descavados (AGOSTINI e SOUZA, 2023).



Desenho 2: Contêiner rompido

Fonte: Elissa Paiva A. F. Lucas / Arquivo pessoal

Estudos arqueológicos no Brasil (WATLING, 2023; ARAUJO, 2023) demonstraram a capacidade que o lixo/resíduo tem de transformar espaços, misturando-se à paisagem natural e configurando um novo ambiente e uma nova percepção sensorial do lugar; como a “praia-lixão” e a marca de “troços geológicos”, analisada e descrita pelo arqueólogo Reykel Diniz de Araujo, em uma pesquisa realizada em São João del-Rei (2023). Através da pesquisa do autor, é perceptível a presença dos materiais que são destoantes da paisagem natural analisada, configurando

em um outro espaço e um outro modo de agir sobre ele. Em diálogo a essa transformação, as paisagens residuais (*Trashscapes*), provocadas pela relação de consumo e desperdício (PYYHTINEN, 2023), evidenciam as relações socioecológicas que sistematicamente tornam as coisas descartáveis. O conceito de paisagens residuais, sob a análise de Olli Pyyhtinen, está atrelado a dimensão do arruinamento, ou seja, dos resíduos em estado de ruína, em contínua decomposição e integrantes da reconfiguração de espaços pelo planeta. O autor descreve a recusa do desaparecimento dos resíduos e como estes “sempre voltam a nos assombrar” (*Ibidem*, p. 3), nesse ciclo de arruinamento, a lógica do desperdício também marca as discussões sobre a era do antropoceno ou, *Wasteocene*<sup>3</sup> (ARMIERO, 2021).

Em uma de minhas visitas de campo à uma das sedes da Comlurb na zona norte do Rio de Janeiro, destinada a ser um EcoPonto<sup>4</sup>, pude perceber como o chorume e sua viscosidade moldam o espaço e a percepção sobre o mesmo, causando desconfortos desde a calçada. O chorume que escorre dos resíduos armazenados em grandes caçambas do EcoPonto modela o chão do lugar e escapa para além da sede, dando espaço para outras vivências um tanto incômodas, como larvas, moscas, mosquitos e pombos. Entretanto, mesmo com a instalação do EcoPonto na localidade visitada, as caçambas não dão conta de acumular os resíduos domiciliares do entorno, criando espaços para outros pontos de despejo em terrenos próximos da sede. Sacolas plásticas rasgadas em diversas cores, despejadas sobre o matagal e terrenos baldios são também o lar de porcos, galinhas e cavalos.

Continuando nesta linha de reflexão, a teoria de Ingold é inicialmente importante para pensar as coisas através de seus movimentos, sobretudo quanto à transitoriedade de um resíduo em relação ao manuseio deste por humanos e não humanos que utilizam e significam de formas díspares tais despejos. Porém, é interessante pensar que o lixo/resíduo também é uma coisa/objeto que é capaz de mobilizar relações que, sob a denominação de Bruno Latour (2012) e a Teoria Ator-Rede (*Actor-Network Theory*), possui a condição de ser actante. A actância ou o actante, neste sentido, é a capacidade que possuem os indivíduos e coisas de mobilizarem ações sociais (SANTAELLA e CARDOSO, 2015); em outras palavras, são entidades que possuem ou participam de uma ação e que são capazes de mediar e serem

---

<sup>3</sup> “Resíduooceno” em uma tradução para a língua portuguesa

<sup>4</sup> O EcoPonto é um espaço da Comlurb, composto de grandes caçambas para o armazenamento de lixo domiciliar, móveis descartados, entulhos de obras e materiais que podem ser reciclados.

mediadoras, movimentar e serem movimentadas em uma “cadeia de associações” (LATOURE, 2012). Tal cadeia pode ser pensada como um imbricamento de agentes e coisas através dos espaços. Nesta perspectiva, os materiais residuais que se embrenham nos diversos espaços da cidade incomodam e são parte de diferentes ações, tensões e vivências que figuram no funcionamento do meio urbano. Para além desse cenário, quando destinados aos aterros sanitários, os materiais descartados configuram outras associações (LIMA, 2021), e são parte de outras trajetórias e interesses.

Partindo da análise sobre a vida das coisas na perspectiva de Arjun Appadurai (2008), sobretudo através de suas descrições sobre o significado das coisas quanto ao seu valor, é importante analisar que os resíduos, antes de seu descarte, foram também consumidos como mercadoria; conectando à lógica do desperdício e da constante volta dos resíduos provocada por Pyyhtinen (2023). Para Appadurai, quando uma coisa é significada enquanto mercadoria ou, nas palavras do autor, quando se apresenta como “situação mercantil na vida social” (APPADURAI, 2008, p. 27), tal condição pode ser analisada sob três principais pontos: “(...) (1) fase mercantil da vida social de qualquer coisa; (2) a candidatura de qualquer coisa no estado de mercadoria e (3) o contexto mercantil em que qualquer coisa pode ser alocada(...)” (*ibidem*, p. 27). Considerando o primeiro ponto descrito, para o autor uma coisa é capaz de entrar e sair da condição de mercadoria, onde tal transição pode se apresentar de modo rápido ou lento, diverso ou normativo. Nesta perspectiva, antes de sua recusa e destino às lixeiras, os resíduos, enquanto mercadorias, foram parte de um mercado de consumo e também parte de uma lógica de “retirar-fazer-desperdiçar” (PYYHTINEN, 2023). É interessante associar esta descrição aos resíduos, sobretudo quando retornados mais uma vez na lógica de consumo, através do trabalho realizado pelos(as) trabalhadores(as) de materiais recicláveis e catadores(as); atribuindo outras formas e significados ao descarte.

A partir desse pensamento, como descrito ao longo deste trabalho, considero importante analisar o lixo/resíduo também quanto à sua transitoriedade. Entretanto, podemos considerar três significados importantes da transitoriedade dos resíduos: a primeira, quanto a sua capacidade transeunte, ou seja, de circular entre espaços no meio urbano e para além dele, alcançando lugares longínquos por conduções diversas. O segundo, no sentido de transição de valor ou importância, sendo capaz de passar do estado de consumo para o estado de descarte, ou vice-versa. O terceiro significado estaria relacionado à mudança da matéria, na transição física que o resíduo adquire para então ser consumido novamente ou se modelar, sob outra configuração física, pelos

espaços. Isso implica diferentes concepções acerca destes materiais (ou destas coisas) que ora são almejados, ora descartados; num ciclo de “vida” e “morte” de significados que alcança diversas discussões sobre o destino e uso dos resíduos. Quanto a essa transitoriedade, podem ser analisados enquanto transgressores, sobretudo quando assumem formas que não conseguimos ver ou ignoramos: “(...) Os resíduos são transgressores. Eles desobedecem limites, aparecem onde não deveriam aparecer, alteram ambientes e entram em comunidades e copos sem permissão (...)” (BOUDIA et al, 2018, p. 167. Tradução livre).

Retomando a reflexão sobre o escape do chorume no EcoPonto visitado, pude dialogar com um gari que há mais de 40 anos trabalha com limpeza urbana na Comlurb. Me surpreendi quando ele me relatou nunca ter se acostumado com o cheiro e com o chorume que estão presentes na sede e em suas coletas pela cidade, dizendo “Tem lixo que é brabo!”. Em visita a outra sede da zona norte da cidade, outro gari que trabalha na Comlurb há mais de 20 anos e com quem dialoguei, afirmou que o cheiro é a pior parte e que o chorume pode ficar por semanas no corpo e no uniforme por seu aspecto grudento e mal-cheiroso. É interessante perceber que o cheiro emanado dos resíduos marca o dia-a-dia dos garis de formas distintas, podendo se acostumarem ou não ao cheiro ou ao aspecto que os resíduos assumem. Há, neste sentido, diversas reações químicas residuais que confrontam o corpo frente ao ambiente.

Ao longo de seu texto, Appadurai reúne obras que abordam questões diversas sobre rotas, valor, autenticidade e exclusividade de mercadorias no mundo capitalista e mesmo antes da consolidação desse sistema; elucidando o que descreve por “histórias de vida” ou “biografias” de objetos ou coisas e seu processo de mercantilização (APPADURAI, 2008, p. 33-61). As mercadorias, nesta perspectiva, adquirem “histórias de vida” pela matéria prima que a constitui, seu processo de fabricação, suas rotas de comércio, seu destino e o “gosto” de quem irá consumi-la.

Nesta perspectiva, como descrito anteriormente ao relacionar os resíduos ao tabu e ao receio do contato na lógica do desperdício, é interessante perceber que no status de resíduo, os objetos parecem “abandonar” uma biografia de consumo; adquirindo outras rotas e histórias incômodas como parte do desprendimento social. Por outro lado, através de processos de produção industrial ou artesanal, os resíduos selecionados para a reciclagem se desprendem de seu status de tabu, e se apresentam como algo desejável e necessário novamente. Esse ciclo compreende a vida social de parte dos resíduos, sendo esta condição não o fim, mas inerente à sua perpetuidade enquanto material.

## **Algumas considerações e impasses da circulação dos resíduos sólidos urbanos**

É importante mencionar alguns problemas advindos da circulação do lixo/resíduo quando escapado das fronteiras terrestres das cidades. O caso do despejo irregular de resíduos na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, é um exemplo da inserção desses objetos que alteram outro ecossistema e é nocivo para a saúde coletiva da cidade. Em 2022, em matéria publicada pelo site G1<sup>5</sup>, foi noticiado o despejo de 98 toneladas de lixo diariamente na Baía. A falta de ecobarreiras possibilitou o aumento dos resíduos na Baía naquele ano, causando inúmeros problemas para espécies de animais e para humanos, e contribuindo para o assoreamento das águas. O conceito de descarte selvagem (RIAL e COLOMBIJIN, 2016, p. 9) advindo das práticas desenfreadas de consumo de sociedades capitalistas, agrava o acúmulo de resíduos nas águas, gerando o que os autores descrevem por “ilhas de lixo” em oceanos.

Para Carmen Rial e Freek Colombijin, o aumento da produção de resíduos sólidos é consequência de sociedades pós-industriais, onde o despejo desproporcional de sólidos e, nas últimas décadas, dos resíduos eletrônicos, interferem em diversas camadas ambientais e sociais. De acordo com os autores, o uso do termo pós-industrial para designar o aumento dos resíduos, pode ser elucidado pelo seguinte trecho:

O termo certamente é usado de várias maneiras por diferentes autores, mas se refere a uma sociedade onde a economia é dominada pelo setor dos serviços e não pela indústria ou, como em tempos pré-industriais, pela agricultura. É certo que a atividade econômica dominante gera consequências com relação à natureza dos resíduos que são produzidos pela sociedade (e também para a espécie de recursos de que a sociedade necessita). Em uma sociedade agrária, é produzido principalmente o lixo orgânico; em uma sociedade industrial, o próprio processo de produção é frequentemente muito poluente e, em uma sociedade pós-industrial, chama atenção a quantidade de lixo eletrônico, que está crescendo rapidamente. (COLOMBIJIN e RIAL, 2016, p. 14).

Os autores também apontam o impasse da produção do lixo/resíduo como decorrente da pós-modernidade e a procura por “um lugar na sociedade” através de uma ideia sobre liberdade e práticas de consumo. Isso se relaciona com as considerações de Appadurai sobre a biografia das coisas em seu contexto de mercadoria, a partir de noções construídas sobre gosto, moda e identidade nas sociedades ocidentais. Com base

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/06/03/baia-de-guanabara-agoniza-com-despejo-de-quase-100-toneladas-de-lixo-por-dia-30-anos-apos-a-eco-92.ghtml>. Acesso em: 05/01/2024

nesse pensamento, considero importante mais uma passagem dos autores acerca do tempo programado que um objeto possui enquanto consumo:

A moda e obsolescência programada obrigam as pessoas a descartarem produtos que, em tempos pré-modernos, teriam sido utilizados por muito mais tempo. Desta forma, estão sendo produzidos muito mais resíduos do que os seres humanos poderiam gerar, se, simplesmente satisfizessem as suas necessidades materiais. (COLOMBIJIN e RIAL, 2016, p. 16).

Contudo, através dos estudos que apontam a produção cada vez maior de lixo/resíduo em conexão com o problema da compulsão do consumo e a questão que envolve a transitoriedade dos resíduos para fora de fronteiras urbanas, é perceptível a produção de conexões desiguais e relações de poder através da relação consumo/desperdício. O absurdo transporte de resíduos do Norte para o Sul global, como mencionado em outra passagem da obra de Colombijin e Rial, aponta o caso de lençóis hospitalares sujos e descartados dos Estados Unidos com destino ao nordeste do Brasil, e completam: “(...) Não é à toa, portanto, que estejam localizadas no Sul as mais bem sucedidas experiências de reciclagem e reaproveitamento (...)”. (*Ibidem*, p. 16). O destino dos resíduos sólidos para o sul global e para localidades de residentes de baixa renda, populações negras e outras minorias sociais, também pode ser entendido como parte do racismo ambiental e de um processo tecnopolítico que movimenta o esquecimento, produz danos, sobreposição de interesses e consequências para populações, sobretudo para comunidades vulneráveis (HECHT, 2023). Além da negligência envolvendo diversos problemas ambientais, o lixo/resíduo destinado para essas localidades causa inúmeros problemas sociais, físicos e políticos para os habitantes que lidam com o seu despejo.

### **Considerações finais**

Para finalizar, os destinos certos e incertos dos resíduos evidenciam diversos impasses que envolvem a contenção dos mesmos, higiene e saúde coletiva, desigualdades, consumo, transgressão, etc. Neste trabalho, tracei algumas considerações prévias para entender o lixo/resíduo como produtor e produto de significados. Como produtor, o lixo é capaz de moldar e produzir paisagens, vivências e incômodos diversos por sua presença no ambiente. E produto ou resultado de uma cadeia de produção e descarte intenso e extenso, de relações desiguais ao redor do consumo e da falta de

políticas eficientes na contenção da crescente produção de materiais poluentes, que se perpetuam na terra por dezenas ou centenas de anos quando não geridos.

Ao longo dos apanhados bibliográficos e *insights* iniciais para a dissertação, percebi um ponto muito importante que não poderia passar despercebido: a abordagem sobre questões envolvendo o corpo e o trabalho com resíduos urbanos também passa pela materialidade que circunda este campo.

Considero essa primeira investigação sobre os resíduos um dos pontos de partida para o aprofundamento deste campo. No campo dos garis, o mapeamento dos resíduos no dia-a-dia dos trabalhadores é essencialmente importante para entender as relações construídas interna e externamente à Comlurb. Por fim, uma antropologia do lixo ou dos resíduos faz parte das importantes investigações sobre materialidade na nossa disciplina. Afinal, os resíduos estão em toda a parte, e são componentes de numerosas histórias nas sociedades humanas.

### **Referências bibliográficas**

APPADURAI, Arjun. A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói (RJ): Ed. UFF, 2008.

ARAUJO, R. A vida de uma praia-lixão em São João del-Rei: processos transformativos, lixo contemporâneo e coisas em movimento. R. Museu Arq. Etn. 40: 67-89, 2023

ARMIERO, Marco. “Introduction” e “From the Anthropocene to the Wasteocene”. In. Wasteocene: Stories from the Global Dump. Cambridge University Press, 2021. P. 1-16.

BOUDIA et al. Residues: Rethinking Chemical Environments Engaging Science, Technology, and Society 4 (2018), 165-178 DOI:10.17351/ests2018.245.

COLOMBIJIN, F. RIAL, C. Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos em sociedades pós-industriais. In. O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Organização de Carmen Rial. Rio de Janeiro. p. 7-40, 2016.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. “Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu”. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.o 39), s.d. (traduzido por Sônia Pereira da Silva, 1966).

HECHT, Gabrielle – “Introduction: the racial contract is technopolitical”. Residual Governance. Duke University Press, 2023 p. 1-17.

MOTTA, D.C. O trabalho dos(as) catadores(as): material reciclável não é lixo. R. Museu Arq. Etn. 40: 4-20, 2023.

LIMA, Maria Raquel Passos. O avesso do lixo: materialidade, valor e visibilidade. – Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2021. 408 p.

INGOLD, Tim. “Repensando o animado, reanimando o pensamento”. In: \_\_\_\_\_. Estar vivo. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 115-125.

KUSCHNIR, Karina. (2016) A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. Cadernos de arte e antropologia.

\_\_\_\_\_, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa, Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 3, No 2 | -1, 23-46.

LATOUR, Bruno. “Segunda fonte de incerteza: a ação é assumida” e “Terceira fonte de incerteza: os objetos também agem”. In: \_\_\_\_\_. Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Bauru/Salvador: Edusc/EdUFBA, 2012, p. 71-128.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1982 (1949). “Natureza e Cultura”; “O problema do incesto”; “Os princípios do parentesco”. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes. p. 41-49; 50-68; 519-537.

OVERING, Joanna; RAPPORT, Nigel. “Agent and Agency”. In: \_\_\_\_\_. Social and cultural anthropology: the key concepts. London: Routledge, 2000, p. 01-09.

PYYHTINEN, Olli; ZAVOS, Stylianos; ONALI, Alma; SUTINEN, Ulla-Maija; UUSITALO, Niina (2023). «The decaying stuff of the Anthropocene: exploring contemporary trashscapes through ruination». *Digithum*, [online], 2023, no. 30.

SANTAELLA, Lucia; CARDOSO, Tarcísio. (2015) O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. *MATRIZES*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 167-185, 2015.

SOUZA, R. A.; AGOSTINI, C. Apresentação Dossiê Arqueologia e os Estudos do Lixo. *R. Museu Arq. Etn.* 40: 1-3, 2023.

WATLING, J. As “ecologias” na arqueologia: bases teóricas para o estudo das interações entre pessoas e o ambiente. *R. Museu Arq. Etn.* 40: 163-172, 2023.